



Vozes dissonantes: As reações poéticas à Terceira Cruzada na Germânia Imperial

Prof. Dr. Vinicius Cesar Dreger de Araujo¹

Resumo:

Na segunda metade do século XII, a lírica e a cultura cavaleirescas instalaram-se na Germânia Imperial, sendo recebidas de braços abertos pela própria corte do monarca. Porém, o século XII também trouxe o envolvimento dos germânicos com o movimento cruzadístico em larga escala, protagonizando as expedições de 1147-49 e 1188-91.

Mas, ao analisarmos a confluência entre as obras da lírica cavaleiresca germânica e a expedição levantina comandada pelo imperador Frederico I, encontramos vozes dissonantes acerca da participação na cruzada. Agora, a vida cortesã se tornou a muitos mais desejável do que a salvação através da guerra santa.

Estudar este fenômeno é o objetivo de nossa apresentação, enquadrando-o nos desenvolvimentos sócio-culturais da Germânia Imperial na segunda metade do século XII.

Palavras-chave: Terceira Cruzada, Poesia, Oposição à Cruzada.

Abstract:

In the second half of the twelfth century, the chivalric lyric and culture settled in Imperial Germany, being welcomed with open arms by the very court of the monarch. But the twelfth century also brought the involvement of the Germans in the crusading movement with large-scale expeditions in 1147-49 and 1188-91.

But when analyzing the confluence of the works of German chivalric poetry and the Levantine expedition led by Emperor Frederick I, we find dissenting voices about the participation in the crusade. Now, the courtesan life became to many knights more

¹ Centro Universitário Anhanguera - Osasco

desirable than salvation through holy war.

To study this phenomenon is the goal of our presentation, framing it in the social and cultural developments on Imperial Germany in the second half of the twelfth century.

Keywords: Third Crusade, Poetry, Opposition for the Crusade.

1. INTRODUÇÃO

A Terceira Cruzada (1188-1192), motivada pela queda de Jerusalém frente aos muçulmanos em 1187, foi composta por várias expedições, sendo que as maiores foram lideradas pelos principais monarcas ocidentais: Frederico I *Barbarossa* do Sacro Império Romano, Ricardo I *Coração de Leão* da Inglaterra e Felipe II *Augusto* da França.

Mais uma vez a Igreja se esmerou na tarefa de recrutar grandes exércitos para o cumprimento da principal tarefa da Guerra Santa: novamente recuperar o coração da Terra Santa. As notícias da tomada de Jerusalém cruzaram a Europa: bulas papais foram emitidas, sermões foram preparados e declamados por clérigos inflamados, mas... Seus efeitos não foram exatamente uma repetição da mobilização em massa da Primeira Cruzada, também voltada para a recuperação de Jerusalém. Na verdade, França e Inglaterra estavam engalfinhadas em seu já secular conflito e ainda existiam distúrbios entre o rei inglês, Henrique II e seus filhos, com intervenções francesas na disputa. Portanto, os monarcas francês e inglês aceitaram a cruz, mas não dedicaram muita atenção à cruzada. Por outro lado, a Germânia imperial se encontrava pacífica e organizada, mas o velho imperador Frederico I, um veterano da Segunda Cruzada quarenta anos antes, não se comprometeu imponderadamente. E se pode constatar uma nítida diferença de resposta por parte de seus cavaleiros: a ausência do entusiasmo da primeira metade do século e a presença de manifestações poéticas voltadas ao questionamento da participação na cruzada.

A Igreja organizou verdadeiras campanhas de divulgação da bula *Audita Tremendi* (do papa Gregório VIII) em pregações regionais na Germânia, mas apenas na Dieta de Mainz em fins de março de 1188, é que Frederico assumiu o voto de cruzado e ordenou que a expedição partisse de Regensburg no dia vinte e três de abril de 1188, dia de São Jorge, data simbólica de bons augúrios, já que o mesmo era um dos principais santos militares.

Porém, antes de partir era necessário preparar diplomaticamente a rota de marcha, negociando direitos de passagem e mercado com o rei Bela III da Hungria, com Estêvão

Nemanya o "*Grande Zupan*" (governante) da Sérvia, com o imperador bizantino Isaac Angelus e com o sultão seljúcida Killij Arslan II em Iconium (Konya).

A onze de maio o exército germânico, que se dizia ter uma força de cem mil homens, com um núcleo de vinte mil cavaleirosⁱ, partiu em sua cruzada com as bolsas repletas com dinheiro, já que, foi estabelecido que cada cruzado deveria trazer consigo reservas financeiras para ao menos um ano de suas despesas. E o imperador ainda mobilizou consideráveis reservas confiadas a um certo Bernardus (*Teutonicus*), banqueiro germânico radicado em Veneza que movimentaria estes recursos entre Veneza, Constantinopla e Tiro.

A passagem da hoste pela Hungria foi absolutamente tranquila. Os problemas começaram quando adentraram ao império Bizantino, que, desconfiado das intenções dos ocidentais, havia selado um tratado de cooperação com Saladino. Isso levou a um estado de guerra entre os impérios ocidental e oriental que por pouco não culminou com a conquista de Constantinopla pelos germânicos em 1189. Após a passagem dos cruzados para a Anatólia Seljúcida, tiveram que combater a hostilidade dos turcos, fato que levou Frederico a tomar de assalto sua capital, Konya (Iconium), forçando assim a cooperação dos mesmos. No auge de sua força e prestígio, a 10 de junho de 1190, Frederico faleceu ao nadar nas geladas águas do Rio Saleph que demarcava o limite entre a Anatólia e a Síria. Consequentemente, a expedição debandou.

Os membros restantes da mesma, desta feita sob o comando do duque Frederico V da Suábia (secundogênito do Barbarossa), prosseguiram para a Terra Santa, tendo alcançado o acampamento cristão no cerco de Acre a 7 de outubro de 1190, onde foram dizimados por epidemias, incluindo Frederico V, encerrando oficialmente a expedição germânica ao oriente.

Henrique VI, o filho primogênito e sucessor de Frederico I, após ter conquistado o Reino Normando da Sicília, decidiu liderar uma nova expedição à Terra Santa e em 1197, quando se preparava para partir com a maior parte da tropa, morreu de causas naturais em Messina a 28 de Outubro.

Após este resumido relato sobre as expedições germânicas na Terceira Cruzada e pouco além, temos que nos perguntar: o que teria estimulado tanta relutância em participar da cruzada dos cavaleiros germânicos, franceses e anglo-angevinos? E mais, como

poderiam ter surgido as manifestações dissonantes dos cavaleiros poetas germânicos? O que possibilitou abertura para tanto? Estes são alguns dos tópicos que abordaremos.

Iniciaremos com algumas digressões acerca da cavalaria e da sociedade cortesã na Germânia imperial, sucedidas pelo estudo das ditas “vozes dissonantes” e, concluiremos com algumas observações acerca das cruzadas na segunda metade do século XII.

2. A CAVALARIA NA GERMÂNIA IMPERIAL

A Cavalaria, como função militar, como distinção de *status* social e como complexo de valores éticos e comportamentais possui raízes que se estendem em várias direções e em diferentes profundidades históricas.

A interação plurissecular entre os guerreiros, a Igreja e os governantes laicos resultou na associação da função militar dos cavaleiros a conceitos de proteção e obrigações éticas, um processo já discernível em fins do período Carolíngio, mas que recebeu novo ímpeto em conexão aos movimentos de Paz e as Cruzadas nos séculos XI e XII.

Em termos de *status* social, o portar das armas cavaleirescas, que há muito havia sido direito de nascença dos homens livres e um meio de ascensão para os plebeus, passou a ser visto no correr do século XII como a marca distintiva da aristocracia, o que separou até mesmo os cavaleiros mais humildes da maioria da população em um processo no qual a antiga e aberta categoria social dos guerreiros evoluiu gradualmente para um estrato mais fechado, sendo este o processo de transformação social mais importante para a época.

Por outro lado, as relações sociais nas residências senhoriais nas quais foram particularmente envolvidos os cavaleiros domésticos (que dependiam completamente de seus senhores), passaram a experimentar condições mais estáveis a partir do século XII e a apresentar padrões comportamentais cada vez mais elaborados como parte do modelo em desenvolvimento da Cavalaria; padrões esses que receberam expressão na associação literária da Cavalaria com o Amor e a Cortesia.

Assim, o século XII foi palco da decisiva ascensão social e ideológica dos cavaleiros. Na Germânia Imperial, as práticas e a ideologia cavaleirescas foram adotadas pela própria dinastia reinante, os Hohenstaufen. O pai do imperador Frederico I, o duque Frederico II da Suábia (1090-1147) ficou famoso na Germânia por atrair o serviço de

muitos *militēs* com sua generosidade (*largesse* - a qualidade do bom senhor em muito bem recompensar seus dependentes), sua bravura em combate e sua inabalável lealdade a seu senhor (e tio), o Imperador Henrique V (OTTO DE FREISING, 2004, I, XIV: 47) assim sendo representado como possuidor de algumas das principais virtudes cavaleirescas. Ademais, a primeira menção a "torneio" em terras germânicas está ligada a uma campanha militar conjunta empreendida pelo duque Frederico II e seu irmão o duque Conrado da Francônia em 1127 (OTTO DE FREISING, 2004, I, XII: 45), conforme relatado por seu meio-irmão, o bispo, filósofo e cronista Otto de Freising (que nada apresenta da repulsa característica dos clérigos em relação aos torneios). Finalmente, o reinado do imperador Frederico I (1152-1190) corresponde exatamente à principal fase da ascensão social dos cavaleiros na Germânia, tendo o monarca deixado claro este processo através de procedimentos jurídicos que destacam os cavaleiros do restante da população (na *Landfriede* de 1152)ⁱⁱ, através do incentivo à cultura cavaleiresca e, principalmente, através da identificação do próprio imperador com os valores cavaleirescos.

Este último item fica patente quando levamos em consideração o imenso festival cortesão realizado no Pentecostes de 1184 em Mainz com o objetivo de celebrar a cerimônia do adubamento cavaleiresco (*Schwertleite*) de seus filhos mais velhos, Henrique (VI) e o duque Frederico (V) da Suábia. Segundo fontes do período, teriam comparecido à festa nada menos do que setenta mil pessoas e que pelo menos vinte mil cavaleiros teriam acompanhado o velho imperador e seus filhos em um *gyrus*, um torneio de habilidades equestres. A família imperial se apresentou ao mundo como os primeiros cavaleiros do Império. O fascínio da idéia cavaleiresca uniu ao imperador, em um único laço, toda nobreza da Germânia Imperial. Um fato notável, considerando a relutância e a hostilidade que outros monarcas coevos demonstravam em relação à prática dos torneios.

Os cavaleiros formaram uma categoria social distinta na Germânia na segunda metade do século XII, mas esta não era homogênea em seu status econômico, jurídico ou mesmo na condição ditada pelo nascimento de seus membros. A já mencionada *Landfriede* de 1152 estabelece diferenças nas condições para a resolução de disputas em duelos judiciais entre os *legitimus miles* (cavaleiros nascidos em famílias de *status* cavaleiresco prévio) e cavaleiros de outras origens sociais como camponeses elevados à cavalaria por seus senhores - como no caso do infante que se destacou no assalto às defesas de Tortona

em 1155 que recusou a elevação cavaleiresca que lhe foi oferecida pelo próprio imperador Frederico (OTTO DE FREISING, 2004, II, XXIII: 137) - ou, principalmente, no caso dos ministeriais.

Trata-se de uma categoria social única, desenvolvida na Germânia, cujas origens ainda são consideradas algo nebulosas, mas seu *status* e desenvolvimento a partir do século XI encontram-se consideravelmente bem documentados: são cavaleiros, porém servos, com a obrigação hereditária de prestar serviços militares e administrativos a seus senhores. Embora, como outros servos, não possuíssem liberdade e pudessem ser concedidos a outros senhores, os ministeriais recebiam treino militar (compunham a maior parte da força militar disponível na Germânia dos séculos XII e XIIIⁱⁱⁱ) e recebiam tanto alódios quanto feudos, dos quais obtinham seu sustento da mesma maneira que os vassalos convencionais. Por volta de 1300 já haviam sido completamente assimilados pela nobreza.

Embora os ministeriais fossem legalmente pessoas em estado servil que permaneciam juridicamente distintas dos nobres nascidos livres, eles não obstante, vieram a ser aceitos como nobres durante o século XII. Um fator chave neste desenvolvimento foi o fato de que os ministeriais compartilhavam o prestígio da função cavaleiresca com a antiga nobreza livre, ocorrendo assim uma fusão nos estilos de vida entre estas camadas legalmente distintas.

3. A SOCIEDADE CORTÊS NA GERMÂNIA IMPERIAL:

"A corte é o espaço de formação pedagógica da nobreza" (LE GOFF & SCHMITT, 2002, v. 1: 275). Esta "formação pedagógica" abarca muitos níveis: a formação do cavaleiro, do cortesão e do vassalo. Este esforço educativo era necessário já que imprescindível para a formação dos tipos humanos considerados úteis para a vida na corte e para o serviço ao príncipe. *"E onde melhor (...) o jovem cavaleiro teria podido aprender, ao mesmo tempo, a arte da lança e as boas maneiras? As escolas formavam os clérigos, as cortes formavam os cavaleiros"*(LE GOFF & SCHMITT, 2002, v. 1: 275).

Os jovens pajens chegavam às cortes e, como bons vassalos, possuíam seus deveres, como servir à mesa do senhor cortando pão e servindo vinho aos comensais, aprendendo a cumprir o que deles era esperado. Ademais, serviam como escudeiros aos cavaleiros domésticos cuidando de suas armas, equipamentos e conforto, principalmente em

campanha.

Aprendiam o manejo das armas e equitação e demonstravam os resultados desta educação militar nos torneios que, neste momento, eram competições coletivas, entre equipes, formadas em bases regionais, ou seja, por homens dependentes do mesmo senhor, muitas vezes até mesmo aparentados entre si.

Também aprendiam a cantar, dançar, compor poesia e a portarem-se de acordo com os padrões, impostos pela vida cortesã. Deviam demonstrar a proeza guerreira (*Manheit*), a generosidade com os bens e a largueza em recompensar (*Milte*), a cortesia e a mesura nos atos (*Diu Mâze*), a franca nobreza (*Hôher Muot*) e, principalmente, a lealdade e a fidelidade devidas (*Triuwe*), todos valores expressamente reforçados pelos romances cortesãos (KEEN, 1984: 40).

Este esforço educativo possui íntima relação com a recepção do influxo cultural proveniente da França no grande movimento cultural leigo do século XII: o surgimento da cultura cavaleiresca, expressada literariamente com a lírica cortesã e os romances cavaleirescos.

Pode-se tanto constatar a introdução difusa desta nova cultura, surgida em diversas regiões francesas (a lírica trovadoresca e o "Amor cortês" surgidos no sul e os romances cavaleirescos no norte) chegando à Germânia através das vastas zonas fronteiriças como Flandres e Borgonha.

Simultaneamente, podem-se constatar iniciativas concentradas originárias de matrimônios entre casas nobres germânicas e francesas ou anglo-angevinas. Em muitos casos pode-se razoavelmente assumir que estes laços dinásticos tenham facilitado a transmissão da cultura aristocrática francesa e, em alguns casos, pode-se ter certeza, como no caso da união em 1156 entre o próprio imperador Frederico I Barbarossa e a condessa Beatriz da Borgonha, jovem educada nos valores cortesãos, provável introdutora dos mesmos na corte imperial e, com certeza, patrocinadora desta nova cultura na Germânia:

"A imperatriz Beatriz foi um agente central na cristalização da cultura cortês na Germânia. Após sua coroação em Roma (1167), Gautier d'Arras dedicou-lhe o romance em versos Ille et Galeron. Gautier alegava haver conhecido Beatriz apenas após sua coroação,

*assim ele trovou a respeito de sua desvantagem em relação a outros poetas que eram próximos à imperatriz e que lhe haviam precedido com suas obras. Já o jurista Acerbo Morena afirmou explicitamente que Beatriz era **litterata** e lhe exaltou tanto a cultura quanto a beleza e a elegância". (WIES, 2001: 259 em concordância, BUMKE, 1988: 76).*

Ademais, ao que tudo indica, foi ela que convidou ao poeta provençal Guiot de Provins a comparecer ao festival em Mainz, fato que inaugura oficialmente a estética occitânica na poesia germânica, sendo que um dos seguidores mais ilustres deste cânone foi o próprio filho de Beatriz, o futuro imperador Henrique VI, com três canções sobreviventes registradas no *Codex Manesse*.

Já os Welfen, a segunda linhagem nobre mais importante na Germânia, eram tão estreitamente ligados à sociedade e literatura franco-normandas quanto os Hohenstaufen: em 1168 Henrique o Leão desposou Matilda, filha de Henrique II da Inglaterra e Eleanor de Aquitânia. A importância de Matilda para a transmissão da literatura francesa foi revelada pelo epílogo do *Rolandslied* escrito por Konrad der Pfaffe, no qual a decisão do duque em ter a obra francesa traduzida para o Alto Alemão Médio a ela foi atribuída ("a nobre duquesa o solicitou"). Outras casas importantes, como a dos Andechs-Meran, a dos Wittelsbachs e a dos Zähringen também cultivaram conexões matrimoniais francesas, sendo que a mais brilhante dentre estas, foi a união (embora semiadulterina) entre Felipe II da França e Agnes de Andechs-Meran.

A Cortesia foi o estilo de vida criado nas cortes régias e nobres, voltado para o estabelecimento e enraizamento de valores civilizacionais nos cortesãos. Os valores da vassalagem, sim, mas mais do que isso. Principalmente o disciplinamento destes homens, o de seus atos e de suas emoções, concretizados nos ideais da Cavalaria e do Amor Cortês.

Uma das principais conseqüências da Cortesia foi, sem dúvida, a sua contribuição cultural e literária, incentivando alguns cavaleiros nobres e ministeriais a transcender a sua rudeza normal:

"O cavaleiro cortesão continua, antes de tudo, um guerreiro

que deve demonstrar todas as virtudes guerreiras, deve brilhar em todos os exercícios militares e, de forma geral, nos esportivos. Ao mesmo tempo, porém, não pode mais ser inculto e analfabeto (...) Certamente, o perfeito cavaleiro não vai às escolas para aprender o latim e as artes liberais. Entretanto é bom que ele saiba ler e escrever, que se enriqueça de certa cultura, a fim de que os clérigos o louvem (...)” (LE GOFF e SCHMITT, 2002, v. 1: 273).

Mas havia também a literatura lírica dos *Minnesänger*, com suas canções ligadas ao chamado Amor Cortês:

"Esse amor, os historiadores da literatura corretamente o chamaram de cortês. Os textos que nos fazem conhecer suas regras foram todos compostos no século XII em cortes, sob a observação do príncipe e para corresponder à sua expectativa. Num momento em que o Estado começava a libertar-se do emaranhado feudal, em que na euforia provocada pelo crescimento econômico, o poder público se sentia novamente capaz de modelar as relações sociais (...)" (DUBY, 1989: 63).

No interior da cavalaria o ritual do amor cortês cooperava para a manutenção da ordem: o jogo do amor foi educação da medida. *"Convidando a reprimir os impulsos, ela era em si fator de calma, de apaziguamento. Mas esse jogo, que era uma escola, trazia consigo também o concurso. Tratava-se, superando os concorrentes, de ganhar o prêmio do jogo, a dama"* (DUBY, 1989: 64).

Essa concorrência, que acabava por revelar os melhores poetas, ocorria nas cortes quando estes demonstravam suas capacidades em busca do prêmio maior, o patrocínio dos príncipes. Estes, por sua vez, eram generosos com os trovadores que os exaltavam e a suas damas. Os poetas *"criavam e escreviam para pessoas que conheciam por contato diário. A convivência, as formas de relacionamento e conduta, a atmosfera do círculo social em que se moviam e o lugar que nele ocupavam encontravam expressão em suas palavras"*

(ELIAS, 1990, v.2: 73).

A produção poética dos *Minnesänger* foi principalmente obra de autores patrocinados pelas grandes cortes da época. Friedrich von Hausen foi ministerial da corte imperial de Frederico I, assim como Heinrich von Morungen (que depois se transferiu para a corte de Dietrich de Meissen). Hartmann von Aue possivelmente pertenceu à corte dos duques de Zähringen em Freiberg, Eilhart von Oberge (autor do *Tristrant*) serviu na corte do poderoso duque da Bavária e Saxônia Henrique, o Leão em Brunswick; Wolfram von Eschenbach serviu na corte do landgrave Hermann da Turíngia e, na corte vienense dos Babenberger, serviram Reinmar von Hagenau, o Velho e, no início de sua carreira, Walther von der Vogelweide (até 1198).

4. AS VOZES DISSONANTES:

A segunda metade do século XII, como visto, foi o período da recepção da cultura cavaleiresca de origem francesa na Germânia. Seus padrões de sociabilidade - a que chamamos Cortesia e Amor Cortês - e seus principais produtos culturais, a lírica dita trovadoresca e os romances cavaleirescos ou cortesês. O vasto *corpus* poético dos autores germânicos, em grande parte cavaleiros-poetas, nos reserva uma interessante surpresa.

Dentre as canções produzidas entre, aproximadamente 1188 e 1244 (período relativo às Terceira, Quarta, Quinta e Sexta Cruzadas, além do período de 1225 a 1244 em que Frederico II foi rei de Jerusalém), cerca de vinte se relacionam de modo muito diferente do que o senso comum espera em relação à cruzada, apresentando várias formas de rejeição à mesma. Estes poemas estão preocupados com as mulheres e as terras que os cruzados eram forçados a deixar e não com o idealizado amor a Deus e à cruzada. Em sua maioria, retratam a agrura da partida do cruzado, mas em outros o cruzado está em marcha ou já em combate.

Seus autores são Friedrich von Hausen, Hartmann von Aue, Albrecht von Johansdorf, Reinmar der Alte, Otto von Botenlauben, Hiltbolt von Schwangau, Friedrich von Leiningen e Der Burggraf von Lienz. Porém, lidaremos apenas com os poetas ligados ao período das expedições germânicas da Terceira Cruzada (1188-1190) e a frustrada tentativa de Henrique VI (1197), vista como uma espécie de continuidade da anterior:

Friedrich von Hausen (c.1150-1190), Hartmann von Aue (c.1160-c.1210) e Albrecht von Johansdorf (c.1165/1170- inícios do século XIII). Os três autores demonstram através de suas obras tanto os novos conceitos do amor cortês quanto a relutância que muitos cruzados devem ter sentido nos exércitos de Frederico I e Henrique VI. O que lhes impulsionava a partir não era mais apenas o fervente amor a Deus e as riquezas do Oriente, mas principalmente os conceitos de honra e vergonha associados à Cavalaria e a obrigação do serviço devido a seus senhores.

A) Friedrich von Hausen:



Figura 1: Friedrich von Hausen no *Codex Manesse* (WALTHER & SIEBERT, 1988:82).

Friedrich von Hausen é, dos três, o único cujo registro de participação em cruzada foi comprovado, tendo tomado parte na expedição de Frederico Barbarossa e dela não retornando, falecendo na batalha de Filomelium na Ásia Menor no dia 6 Maio de 1190, ao cair do cavalo e quebrar o pescoço (LOUD, 2010: 103). Os seus poemas estão essencialmente focados na vida interior do cruzado e pouco dizem a respeito das atividades práticas da cruzada.

Em seu poema *Mîn herze und mîn lîp diu wellent scheiden* o cruzado se queixa que seu corpo quer combater contra os infiéis, enquanto seu coração quer ficar em casa com sua amada. Além de citar o inimigo incidentalmente, a canção traz uma curiosa inversão: o corpo, tradicionalmente fonte dos desejos carnis, é encarado como capaz de uma ação considerada como de devoção espiritual, enquanto que o coração, tradicionalmente considerado como a parte mais espiritualizada do ser humano, deseja continuar desfrutando do amor mundano.

Mîn herze und mîn lîp die wellent scheiden, Die mit ein ander wâren nû manige zît. der lîp wil gerne vehten an die heiden,	Meu coração e meu corpo querem se separar, Depois de estarem juntos por tanto tempo. O corpo de bom grado quer lutar contra os infiéis,
iedoch dem herzen ein wîp sô nahen lît vor al der werlt. daz müet mich iemer sît, daz si ein ander niht volgent beide. mir habent diu ougen vil getân ze leide.	Mas meu coração escolheu uma mulher ao invés do mundo. Desde então, só me causa pesar, Que um ao outro não siga. Tenho os olhos cheios do grande sofrimento que me infligi.
got eine müeze scheiden noch den strît.	Só Deus é capaz de resolver esta disputa.
Sît ich dich, herze, niht wol mac erwenden, dune wellest mich vil trûreclîchen lân, sô bite ich got, daz er dich geruoche senden an eine stat, dâ man dich wol welle enpfân. ôwê, wie sol ez armen dir ergân, wie getorstest eine an solhe nôten ernenden?	Porque eu te amo, coração, certamente não podes esquecer Que me deixas sozinho em grande tristeza Peço a Deus para enviar-te para um lugar, onde vão recebê-lo bem.
wer sol dir dîne sorge helfen wenden mit triuwen, als ich hân getân?	Mas oh, como vais saciar este pobre? Como tu, sozinho, ousas trazer tal angústia sobre si mesmo? Quem vai ajudá-lo a evitar suas preocupações Com a lealdade, como eu fiz?
Ich wânde ledic sîn von solher swaere, dô ich daz kriuze in gotes êre nan. ez waer ouch reht, daz ez alsô waere, wan daz mîn staetekeit mir sîn verban. ich solte sîn ze rehte ein lebendic man, ob ez den tumben willen sîn verbaere. nû sihe ich wol, daz im ist gar unmaere, wie ez mir süle an dem ende ergân.	Eu pensei que não teria tantas dificuldades, Ao levar a Cruz pela honra de Deus. Teria relutado com direito, mas seria como se eu não fosse constante. Eu faria, como é o direito de um homem completo,(lebendic = vivo) Quando o coração desiste de suas tolas intenções. Vejo agora que ele é completamente indiferente Ao que me acontecerá no final.
Niemen darf mir wenden daz zunstaete, ob ich die hazze, die ich dâ minnet ê. swie vil ich si geflêhtr oder gebaete, sô tuot si rehte als ob siz niht verstê.	Ninguém deve me acusar de inconstância Por agora odiar o que antes amava. Muito eu implorei e supliquei Mas ela fez exatamente como se não tivesse

mich dunket rehte wie ir wort geliche gê, rehte als ez der sumer von Triere taete. ich waer ein gouch, ob ich ir tumpheit haete für guot. ez engeschiht mir niemer mê.	entendido. Para mim, se sua palavra fosse verdadeira, Seria como o Verão em Trier. Eu seria um tolo se visse algo bom em seu comportamento estúpido. Por isso para mim acabou.
--	---

A presença dos infieis na canção (mencionados de forma incidental) funciona apenas como um artifício para revelar a extensão do conflito interno do cruzado: cumprir sua obrigação ou permanecer com a amada.

O mesmo pode ser dito até mesmo do próprio Deus, aqui mencionado três vezes e de formas dificilmente devotas. A primeira ocorrência está na última linha da primeira estrofe. Deus é invocado para arbitrar o conflito entre o corpo e o coração do cruzado. Ao realizar esta invocação, o cruzado-poeta se declara como neutro neste conflito, incapaz (ou sem vontade?) de se devotar por inteiro à cruzada. Ao invés, ele propõe a devolução desta responsabilidade a Deus.

A segunda menção ocorre na segunda estrofe, no contexto de uma prece que o cruzado oferece, mas não em favor do corpo (que pretende partir e cumprir a vontade divina), mas sim em benefício do coração rebelde que nada quer ter a ver com a cruzada! O poeta pede a Deus que envie seu coração a um lugar onde seja bem recebido (subentende-se que com a amada), desta maneira abençoando a rebelião do coração contra suas próprias obrigações com a cruzada e Deus.

Aparentemente, a boa recepção pela qual o cruzado ora em nome do coração implica em algum tipo de perigo e preocupação que o coração não devia enfrentar sozinho. E o poeta sugere claramente que não existe ajuda para o coração que equivalha à sua. Neste momento começa a ficar claro porque o cruzado não ofereceu resistência à rebelião do coração. Não apenas o cruzado simpatiza com esta rebelião, como indicado em sua prece; ele também procura se beneficiar dela. O cruzado está mais do que disposto a providenciar companhia e proteção ao coração em sua deserção dos deveres cruzados; de fato, não existe melhor homem para a tarefa.

A terceira menção à divindade ocorre no início da terceira estrofe, na qual, aparentemente, o cruzado esperava que a tomada da cruz iria libertá-lo da necessidade de lidar com suas próprias contradições, mais uma vez podendo indicar que seu pleno compromisso (emocional e espiritual) com a Cruzada supostamente deveria ser

responsabilidade de Deus e não sua: o poeta parece ter assumido que com a tomada da cruz, a confusão interna que experienciava (personificada pelo coração rebelde) automaticamente desapareceria. Como isso não aconteceu, Deus não cumpriu sua parte na barganha. A Cruz de Deus não produziu a esperada libertação.

O elemento fundamental para a falta de dedicação do poeta para com a cruzada se revela na quarta e última estrofe: a desilusão amorosa; causa fundamental para o rompimento entre o coração e o corpo do autor. Caso a dama em questão tivesse se mantido tão constante no amor quanto o coração do cruzado, ele, como “um homem completo”, dedicar-se-ia integralmente aos seus deveres, tal qual o cavaleiro que em torneio, portava uma prenda de sua dama, feito comum nos romances cortesês contemporâneos ao autor e que, como dito anteriormente, se popularizavam nas cortes germânicas do período.

Escrita segundo a perspectiva de alguém que já havia partido para a cruzada, na canção *Mîn Herze den gelouben hat*, o poeta se encontra preso na tensão entre o amor mundano *versus* a partida pelo dever:

Min herze den gelouben hat,
solt ich od ieman bliben sin
durch liebe od durch der Minnen rat,
so waere ich noch alumbe den Rin;
wan mir daz scheiden nahe gat,
deich tete von lieben friunden min.
swie ez doch dar umbe ergat,
got herre, uf die genade din
so wil ich dir bevelhen die
die ich durch dinen willen lie.

Ich gunde es guoten frowen niet
daz iemer mere koeme der tac
daz si deheinen heten liep:
wan ez waere ir eren slac.
wie kunde in der gedienen iet,
der gotes verte also erschrac?
dar zuo send ich in disiu liet
und warnes als ich beste mac.
saen si min ougen niemer me,
mir taete iedoch ir laster we.

Meu coração tem fé, que
Se eu ou outra pessoa pudesse ser retardada
Pelo amor ou pelo conselho da Minne,
Eu ainda estaria no Reno;
Quando se aproximou a separação,
Senti pelo amor de meus amigos.
Mas quando se trata de servir
Senhor Deus, à sua graça
Recomendo estes
Que deixei por Sua vontade.

Eu advirto as boas damas
A quem nunca chega o dia de
Não mais ter amor ou prazer(prazer?)
Isso macula sua honra.
Como poderia os companheiros de Deus,
Servirem-nas, tão assustados?
Por isso, envio-lhes esta canção como o
Melhor alerta que eu puder.
Meus olhos viram tanto,
Que se feriram com a impiedade (vícios)
dela.

É interessante que, na primeira estrofe, o poeta tenha ressaltado que a pressão social do cumprimento do dever é mais poderosa do que o amor ou o “conselho da Minne”, se este não fosse o caso, ainda estaria em casa. As pressões políticas e sociais foram essenciais

para partir em cruzada e o estigma associado àqueles que permaneceram em casa superava o desejo de ficar, como fica claro na admoestação presente na segunda estrofe.

Estes cavaleiros-poetas viviam em uma cultura do dever, da lealdade, da honra e da vergonha, que também havia incorporado em seus valores o amor mundano, que os ligavam firmemente ao mundo ao qual a espiritualidade quase monacal associada à cruzada pouco poderia oferecer.

O cruzado-poeta menciona Deus duas vezes nesta curta canção. A primeira menção ocorre no contexto de uma prece, especificamente a prece de um cruzado que já partiu e se encontra olhando para trás, com saudades da terra natal junto ao Reno. Ele recomenda aos cuidados de Deus aqueles que deixou para trás por causa Dele.

Já a segunda está na segunda estrofe da canção em meio à admoestação que o cruzado dirige às damas que ficaram para trás e que não pretendem liberar seus amados para o cumprimento do dever, lembrando-as do quanto isso é danoso à honra (tanto delas quanto deles), um dos valores mais importantes nesta sociedade cavaleiresca.

Em ambas as passagens o cruzado olha para trás, para sua terra natal, com preocupação: por seus entes queridos, a quem teme não mais ver (ironicamente foi exatamente o caso do poeta, que, como anteriormente dito, faleceu durante a expedição) e com o bem-estar espiritual das damas. A idéia dos cruzados como “companheiros de Deus”, traz em si um teste de coragem e merecimento: somente aqueles que partiram são valorosos o suficiente para merecer o amor de uma dama. Ou seja, a participação na cruzada e sua ligação com Deus não possui merecimento próprio, mas forma a base mais sólida para a essencialmente mundana reputação cavaleiresca.

Em relação à motivação do cruzado nesta canção, estamos muito distantes da devoção religiosa. A pista principal se encontra no verso “Mas quando se trata de servir”: o poeta, como sabemos, não é um homem livre. É um ministerial, um servo de categoria elevada, preso a seu senhor por laços de nascimento (nesta categoria social) e por laços de vassalagem, estando assim duplamente obrigado a cumprir seu dever: partir em cruzada era apenas mais um serviço devido a seu senhor (no caso o próprio imperador Frederico I) e em distante segundo lugar, a Deus. Ou seja, não era sua opção estar ali.

Estão ausentes nos poemas de von Hausen as perspectivas de salvação prometidas aos cruzados, tanto em Jerusalém quanto no Paraíso, as famosas indulgências plenas que

tanto deveriam atrair para o serviço divino os cavaleiros, homens devotados à guerra e a um estilo de vida considerado pecaminoso por muitos clérigos reformistas de cepa gregoriana.

B) Hartmann von Aue:



Figura 2: Hartmann von Aue no *Codex Manesse* (WALTHER & SIEBERT, 1988: 122).

Hartmann von Aue, que descrevia a si mesmo como um ministerial, nasceu provavelmente por volta de 1160, tendo vivido até aproximadamente 1210. Embora não cite em suas obras exatamente quem teria sido seu patrono, algumas pistas apontam para os duques suábios da linhagem dos Zähringen e é possível que tenha participado de alguma fase da cruzada. Ao analisarmos suas obras, pode-se perceber com clareza a tensão existente entre o amor mundano, a piedade religiosa e o dever de partir de casa para a cruzada.

Na canção *Ich var mit iurwen hulden*, ele reconhece a pressão para partir em cruzada e o efeito que isso terá em sua vida doméstica.

Ich var mit iuweren hulden, herren und mâge. Liut unde lant die müezen saelic sîn! Ez ist unnôt, daz ieman mîner verte vrâge, ich sage wol vür wâr die reise mîn. Mich vienc diu minne und lie mich varn ûf mîne sicherheit. Nu hât sie mir enboten bî ir liebe, daz ich var. Ez ist unwendic, ich muoz endelîchen dar. Wie kûme ich braeche mîne triuwe und mînen eit!	Eu prefiro cavalgar com a permissão de minha dama e seus parentes. Benditas sejam estas terras e pessoas! Não é necessário Perguntar sobre minha viagem, Pois narro abertamente estas informações: O amor me capturou E depois libertou-me sob palavra de honra. Agora ela tem a mim pelo amor e não quero perdê-la Enquanto monto na linha de combate. Não há saída, eu preciso partir Sob nenhuma circunstância eu iria Quebrar meu juramento e minha promessa!
Sich rüemet maniger, waz er dur die minne taete. Wâ sint diu werc? die rede hoere ich wol. Doch saehe ich gern, daz sî ir eteslîchen baete, daz er ir diente, als ich ir dienen sol. Ez ist geminnet, der sich durch die minne ellenden muoz. Nu seht, wie sî mich ûz mîner zungen über mer. Und lebte mîn her Salatîn und al sîn her dien braehten mich von Vranken niemer einen vuoz.	Muitos de vangloriam sobre o que Fariam por amor. Mas onde estão os feitos? Ouço as palavras com clareza. Mas gostaria de ver, como se eles tivessem Que perguntar Como eles o serviram, assim como eu vou servir. Porque está amando aquele que Pelo amor parte para terras estranhas E agora vejam como ele, a partir de minhas palavras, além- mar. Se meu senhor estivesse vivo, Saladino e seu Exército não seriam capazes de mover-me da Francônia.
Ir minnesinger, iu muoz ofte misselingen, daz iu den schaden tuot, daz ist der wân. Ich will mich rüemen, ich mac wol von minnen singen, sît mich diu minne hât und ich si hân. Daz ich dâ will, seht, daz will also gerne haben mich. Sô müest aber ir verliesen underwîlent wânes vil: ir ringent umbe liep, daz iuwer niht enwil. Wan müger ir armen minnen solhe minne als ich?	Vós, trovadores, muitas vezes falhareis, E vós fareis sofrer Com a esperança infundada. Eu quero elogiar-me, já que bem entendo de cantar o amor, Porque o amor me tem e eu o possuo. Quero, veja, estar feliz apenas por ter-me. No entanto, vós sempre ireis perder vossas esperanças vazias: Vós vos esforçais para ter alguém que não tereis. Por que vós, pobres tolos, não podeis encontrar um amor como o meu?

Conforme se prepara para partir, escreve: “Benditas sejam estas terras e pessoas!”, expressando sua preocupação por aqueles que ficarão para trás. Em conflito entre sua preocupação pelos que deixou e seu dever de partir, percebemos que é uma partida repleta

do senso de obrigação. Enquanto o amor não pareça ser o amor mundano da *minnesange*, certamente não é o amor pela cruzada ou a expectante esperança sobre o que o aguarda no oriente. Mas o amor como campo de honra que motiva o poeta a partir, uma drástica mudança da literatura cruzadista anterior.

O inimigo também é mencionado, especificamente Saladino e seu exército, ou seja, os vencedores da batalha de Hattin e conquistadores de Jerusalém. Mas, novamente, os inimigos servem como artifício para demonstrar a contrariedade do poeta em se separar de sua amada e de sua terra natal. Ele deixa bem claro que se as circunstâncias fossem outras, “Saladino e seu exército não seriam capazes de mover-me da Francônia”, pouco se importando com a situação da Terra Santa.

Nesta canção não existe menção explícita a Deus ou à cruz, nem o autor indica algo específico sobre o propósito de sua viagem. Porém, a partir da menção a Saladino e a revelação de que sua viagem o levará para além-mar, podemos seguramente crer que tenha partido em cruzada.

O poeta nos diz que está partindo porque o amor o capturou, extraiu-lhe um juramento sob palavra de honra e aí ordenou-lhe que partisse. Na segunda estrofe, declara que partiu para realizar proezas pelo amor. Ou seja, Hartmann apresenta o amor de forma essencialmente mundana e cavaleiresca (para que não se confunda com amor a Deus): a descrição da minne capturando o cavaleiro e dele extraindo um juramento de caução foi baseada na linguagem e ações dos torneios. Assim como a ideia de que o cruzado partiu para realizar proezas em nome do amor, ação característica dos heróis dos romances cavaleirescos, como os escritos pelo próprio Hartmann.

Seu vocabulário indica uma enfática concepção cavaleiresca da cruzada; o narrador foi metaforicamente convocado por intermédio da captura e enviado à cruzada do meio de suas atividades cavaleirescas. Subentende-se que ele tenha partido de maneira involuntária, sendo que a linguagem empregada no texto indica que não foi uma escolha dele. Mas, o poeta é um homem de honra: “Sob nenhuma circunstância eu iria/ Quebrar meu juramento e minha promessa!”. Mesmo sem ser sua escolha ele se mantém fiel ao dever (e à sua honra), comprometendo-se a cumprir o juramento como um feito em nome do amor, laicizando a cruzada como mais uma campanha militar, sem nada de especial nela.

Hartmann reconhece e se refere ao dever associado à cruzada, mas também não se

refere à natureza penitencial da cruzada ou seu papel salvífico. Ao invés, considera apenas as lealdades pessoais à dama e ao senhor.

C) Albrecht von Johansdorf:

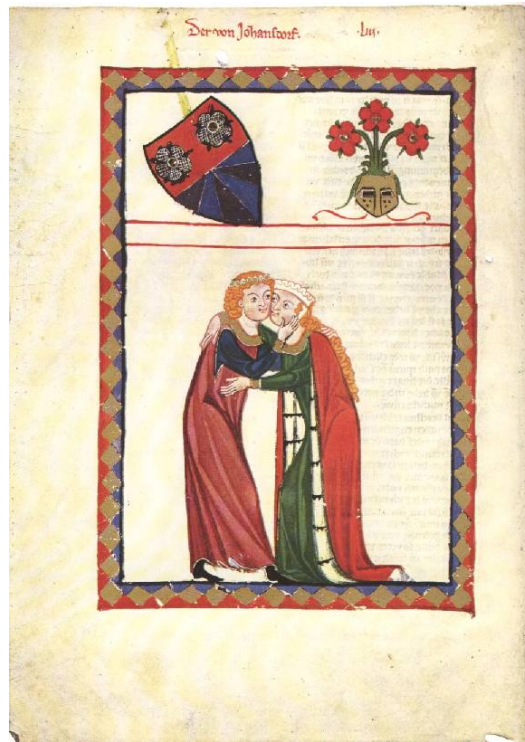


Figura 3: Albrecht von Johansdorf no *Codex Manesse* (WALTHER & SIEBERT, 1988: 115).

A participação como cruzado do bávaro Albrecht von Johansdorf, nosso último autor para esta análise, em 1189 ou 1197 é alvo de debates acadêmicos, mas suas canções de cruzada são, aparentemente, mais piedosas do que as de Hausen ou Hartmann. Ele reconhece a necessidade de resgatar Jerusalém, assim como a de vingar o ultraje contra Deus, tema principal da canção *Die hinnen varnt*:

Die hinnen varnt, die sagent dur got, daz
Ierusalem der reinen stat und ouch dem
lande helfe noch nie noeter wart.
Diu klage wirt der tumben spot.

Aqueles que daqui partem, dizem, por Deus,
que
A santa cidade de Jerusalém e também o
reino
Nunca precisaram tanto de auxílio.
Este lamento foi como o vento batendo os
portões.

Die sprechent alle: "waer ez unserm herren ande, er raeche ez ân ir aller vart." Nu mugent si denken, daz er leit den grimmen tôt! Der grôzen marter was im ouch vil gar unnôt, wan daz in erbarmet unser val. swen nû sîn criuze und sîn grap niht wil erbarmen, daz sint von ime die saelden armen.	Dizem todos: "Seria um insulto a Nosso Senhor, Deixá-lo sem a vingança da cruzada". Lembrem-se que ele teve uma morte amarga! Esta grande agonia ele tomou para si sem precisar, Mas o fez por compaixão de nossa perdição. Quem agora der as costas à Cruz e ao Sepulcro, Não terá misericórdia e nem a felicidade celestial.
Nu waz gelouben wil der hân, und wer sol im ze helfe komen an sînem ende, der gote wol hulfe und tuot es niht? Als ich mich versinnen kan, ez ensî vil gar ein êhaft nôt, diu in des wende, ich waene, er ez übel übersiht. Nu lât daz grap und ouch daz criuze geruowet ligen! Die heiden wellent einer rede an uns gesigen, daz gotes muoter niht sî ein maget. Swem disiu rede niht nâhe an sîn herze vellet, owê, war hât sich der gesellet?	O que acontecerá com aqueles que acreditam Que terão ajuda no fim de suas vidas, Mas Deus não fez isso? A menos que haja uma obrigação que os detenha, E acredito que seja, então é condenável negligenciar tal tarefa. Mas deixemos a Cruz e o Sepulcro! Os infiéis também nos atingem ao asseverarem Que a Mãe de Deus não era virgem. A quem tais palavras nãoatingem o coração nas profundezas, Oh! Em que companhia estou?
Mich habent die sorge ûf daz brâht, daz ich vil gerne kranken muot von mir vertribe. Des was mîn herze her niht frî. Ich gedenke alsô vil manige naht: "waz sol ich wider got nu tuon, ob ich belîbe, daz er mir genaedic sî?" Sô weiz ich niht vil grôze schulde; die ich habe, niuwan éinè der kume ich niemer abe. Alle sünde liez ich wol wan die: ich minne ein wîp vor al der welte in mînem muote. Got herre, daz vervâch ze guote!	Trouxe-lhes estas exortações porque elas me levam A superar minhas fraquezas. (espírito enfraquecido) Mas meu coração não está livre. Eu passei muitas noites pensando: O que farei por Deus, se ficar para trás, Para que ele me seja misericordioso? Na verdade, não sei que grande pecado teria cometido, Exceto aquele pelo qual nunca me arrependerei. Todo pecado eu abandonarei, exceto um: Eu amo uma mulher mais do que tudo no mundo. Senhor Deus, aceite isso para o bem!

Certamente seu amor mundano estava em sua mente o tempo todo e, em um lugar preeminente ao fim do poema, se tornou seu foco e ímpeto. Na mesma canção, pode-se constatar que Johansdorf só alude à necessidade de Deus para a ida dos cruzados ao Oriente, também não fazendo menção à salvação das almas destes.

E assim ele encontra o ímpeto cavaleiresco para partir. Ele continua argumentando

que mesmo aqueles que não se importam com a Cruz ou com o sacrifício de Cristo pelos pecados dos homens, poderiam encontrar simpatia pelo destino de Jerusalém. Aqui, como nas outras obras, está ausente o tema da salvação.

De todo o corpus poético composto por nossos autores, a cidade de Jerusalém só foi diretamente mencionada nesta canção. Exceto por esta passagem, não existe outra menção nos poemas queixosos dos cruzados germânicos, a qualquer outro topônimo relacionado à Terra Santa ou a eventos importantes da cruzada. A atenção do cruzado permanece fixa na terra natal que está prestes a deixar ou, em alguns casos, já deixou. Em contraste, a poesia cruzadística composta em Latim é muito explícita tanto em relação a Jerusalém quanto a outras regiões importantes para a jornada e os combates dos cruzados.

O fato de que esta passagem seja única é intrigante. Jerusalém era, afinal de contas, o objetivo central da cruzada em si. Esta cidade era o fulcro para o cumprimento do voto cruzadístico que, de acordo com Brundage (1969: 116), era uma promessa feita a Deus para realizar duas ações: peregrinar ao Santo Sepulcro em Jerusalém e fazê-lo pertencendo aos escalões de uma expedição militar geral à Terra Santa.

O inimigo também é mencionado apenas uma vez: aqui, o poeta tenta provocar os aparentemente hesitantes ouvintes/potenciais recrutas a partir em auxílio a Jerusalém. Ele realiza várias declarações fervorosas, urgindo ao alistamento como a necessidade de libertar Jerusalém e a Terra Santa, invocou a Cruz e o Santo Sepulcro, a morte voluntária de Cristo por nossos pecados... Então, aparentemente temendo que suas exortações fossem insuficientes, ele acusa os infieis de insinuarem que a mãe de Deus não era uma virgem.

Contudo, nem mesmo esta declaração provocativa parece ter sido insuficiente para superar todas as hesitações. Na última estrofe do poema, vemos que nosso próprio autor vem dispendendo várias imaginando meios pelos quais poderia permanecer em casa sem perder o favor divino. Ele chega mesmo a pedir que Deus aceite como algo bom o seu amor pecaminoso por certa dama. Assim, nem mesmo nosso narrador parece ter ficado comovido por sua própria mensagem homilética, buscando uma solução aceitável para poder abandonar a cruzada.

A atração pela Terra Santa não pode mais mitigar a tristeza por deixar a terra natal; ao invés, os cruzados vão ao oriente apenas para cumprir seu dever ao seu senhor e a Deus. Os laços forjados pelas relações com os líderes, relações de clientelas, relações locais e

familiares sempre estiveram no cerne das expedições cruzadas, mas agora se tornaram cada vez mais expressas na forma de contratos feudais e de estipêndios monetários, se tornando cada vez mais comum nos documentos da época a fórmula: “(...) receberam a Cruz por Deus e amor do (...)” devido suserano. (TYERMAN, 1998: 67)

A Cruzada deixou de ser um empreendimento pessoal para se tornar uma ação de poderosos reis mobilizando recursos humanos e materiais em larga escala, fato que só se tornou possível com o considerável fortalecimento da autoridade real na segunda metade do século XII (em contraste com os relativamente fracos monarcas envolvidos na Segunda Cruzada, Luís VII e Conrado III). Além disso, a Cruzada não era a única saída para emoções tão diversas quanto a busca por honra e glória e a necessidade de absolvição: nem todos os aventureiros pretendiam ir a Jerusalém; assim como nem todos os cavaleiros eram pios. A guerra perto de casa ou o patrocínio a mosteiros podiam servir (e serviram) a estes fins tão bem quanto. (TYERMAN, 1998: 25).

5. O QUESTIONAMENTO À CRUZADA:

A derrota cristã na batalha do Monte Cadmus e o abandono do cerco a Damasco durante a Segunda Cruzada causaram um duro golpe na causa das cruzadas no ocidente. Antes de sua partida, os organizadores eclesiásticos e os líderes militares geraram imensa confiança em seus homens. É provavelmente justo observar que o efeito cumulativo de cinquenta anos de propagação da memória da vitoriosa Primeira Cruzada contribuiu para a construção de uma crença amplamente aceita de que Deus aprovava a nova expedição e esta seria vitoriosa. Por isso, quando a campanha fracassou tão tristemente, o moral desabou. (PHILLIPS, 2007: 272)

Além disso, algumas questões práticas e psicológicas bastante óbvias desencorajaram as pessoas de organizar uma nova cruzada após tais eventos traumáticos. Muitos refugaram envolver-se em um empreendimento tão perigoso e suas famílias ainda menos entusiasmadas com o período de ausência e riscos. Ademais as campanhas eram ruinosamente caras e era difícil levantar o dinheiro necessário.

Assim, nas décadas seguintes ex-participantes e críticos encontraram um inédito espaço para criticar a cruzada: o próprio rei Conrado III da Germânia, que dela participou,

se tornou um dos mais ácidos críticos do empreendimento, culpando especialmente aos latinos do Oriente. O anônimo autor dos *Annales Herbipolenses* caracterizou a cruzada toda como obra do demônio, que teria induzido os cristãos - através de falsos profetas - a lançarem a cruzada e assim poder destruí-los (MGH SS, XVI, 03). Gerhoh de Reichersberg, um contemporâneo da expedição, interpretou as circunstâncias que levaram ao fim da campanha como uma manifestação do Anticristo (SACKUR, 1897: "De investigatione Antichristi liber I", 377-84 e "Ex commentario in psalmos", 435-7).

John de Salisbury declarou que a cruzada havia causado um dano irreparável à fé Cristã (SALISBURY, 1956: 11-12). A crônica de Morigny descreveu-a como "não tendo atingido nada de valor ou que merecesse repetição" (MIROT, 1909: 85). O poeta Marcabru escreveu: "O clamor público relacionado (à Terra Santa) se derrama sobre os mais altos líderes: fracassados, sem bravura, que não amam nem a alegria ou o deleite" (GAUNT, HARVEY & PATERSON, 2000: 440-1).. Finalmente, como recordado pelo bispo e cronista Guilherme de Tiro, houve o caso de um clérigo chamado Pierre de Troyes que escreveu ao patriarca de Jerusalém perguntando se era realmente aceitável para os Cristãos combater e matar os pagãos. Ou seja, questionando a validade do conceito de cruzada, se ainda seria aceitável por Deus. A resposta do patriarca, utilizando-se escolasticamente de argumentos extraídos dos canonistas Graciano e Ivo de Chartres, revalida o conceito (PHILLIPS, 2007: 278). O importante é que o questionamento tenha existido.

Este questionamento crítico atingiu particularmente as cortes germânica, francesa e anglo-angevina e ajuda a explicar (além das próprias disputas entre os reinos) o fato de que naufragaram uma série de apelos papais a novas cruzadas em 1150, 1157, 1165, 1166, 1169, 1173, 1181, 1184 e 1187 e só o evento catastrófico da queda de Jerusalém frente aos muçulmanos motivou os ocidentais a responderem na escala desejada. Estas propostas fracassadas de Cruzadas comprovam um ponto importantíssimo: a Cruzada se foi transformada em uma instituição da Igreja Ocidental, mas não era compulsória e nem universalmente aplicável. (TYERMAN, 1998: 30)

Que existiam críticas à Cruzada é um fato inquestionável. O que se disputa é o relacionamento entre as críticas e a popularidade da instituição em si, ou mais ao ponto, de certas cruzadas ao invés de outras. O recrutamento bem sucedido dificilmente pode ser considerado como um barômetro adequado das visões dos recrutados, dado que os exércitos

cruzados, como quaisquer outros, eram reunidos com uma mistura de entusiasmo, lealdade e dinheiro e ainda menos um indicador das atitudes daqueles que não se engajaram. (TYERMAN, 1998: 89)

Assim, na verdade, as canções de nossos autores que, em uma primeira aproximação, saltam aos olhos com seus variados graus de oposição à cruzada, não são um fato isolado, mas sim parte de uma corrente de questionamento ao ideal cruzadista desenvolvido após a segunda Cruzada entre a intelectualidade e partes do clero europeu. Sua principal particularidade foi dar voz às dúvidas e oposições dos cavaleiros, a essencial mão de obra a ser utilizada nestes empreendimentos.

Conforme William Jackson,

“estes poemas são uma expressão do desconforto, de dúvidas e indecisões escassamente veladas, do amor pela casa e da dor da partida da terra natal. Eles estão repletos de queixas ardentes de homens alistados a participar de um empreendimento para o qual o entusiasmo é visto como apropriado, mas difícil de dominar. São poemas sobre “recrutas” que na verdade não se importam com a Terra Santa ou com o inimigo “pagão” que a mantém cativa. Eles se importam com sua casa e com as lutas internas deflagradas pelo confronto com a necessidade de partir” (JACKSON, 2003: 74).

Bibliografia:

Fontes:

APPELT, H. (ed.). *MGH Diplomata Regum et Imperatorum Germaniae Tomus X, Pars I, II, III, IV et V – Friderici I Diplomata*, Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 1975 - 1990.

FREISING, Otto of & RAHEWIN; *The Deeds of Frederick Barbarossa*, New York: Columbia UP, 1953.

LOUD, Graham A. (trad.). *The Crusade of Frederick Barbarossa - The History of the Expedition of the Emperor Frederick and Related Texts*, Farnham: Ashgate, 2010.

MIROT, Louis (ed.) *Chronique de Morigny(1095-1152)*, n.d.: Paris, 1909.

SACKUR, Ernst. (ed.) *Libelli de Lite III*, Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 1897.

SALISBURY, John of. *Liber Pontificalis*, n.d: Londres, 1956.

WALTHER, Ingo F. & SIEBERT, Gisela. *Codex Manesse, Die Miniaturen der Grossen Heidelberger*, Frankfurt: Insel Verlag, 1988.

Bibliografia secundária:

- ARNOLD, Benjamin. *German Knighthood 1050-1300*, Oxford: OUP, 1985.
- BARTHÉLEMY, Dominique. *A Cavalaria – Da Germânia antiga à França do século XII*, Campinas: Ed. UNICAMP, 2010.
- BRUNDAGE, James. *Medieval Cannon Law and the Crusader*, Madison: University of Wisconsin Press, 1969.
- BUMKE, Joachim. *Courtly Culture – Literature and Society in the High Middle Ages*, Woodstock: Overlook, 1988.
- DUBY, Georges. *Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador. Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990 e 1993, 2 volumes.
- GIBBS, Marion E. & JOHNSON, Sidney M. *Medieval German Literature: a companion*. Londres: Routledge, 2000.
- GAUNT, Simon, HARVEY, Ruth & PATERSON, Linda. *Marcabru: A critical edition*, Woodbridge: D.S. Brewer, 2000.
- LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Bauru/São Paulo: EDUSC/Imesp, 2002. 2 volumes.
- FUHRMANN, Horst. *Germany in the High Middle Ages c. 1050-1200*, Cambridge: CUP, 1995.
- JACKSON, William E. *Ardent Complaints and Equivocal Piety – The portrayal of the crusader in medieval german poetry*, Lanham: University Press of America, 2003.
- JACKSON, William H. *Chivalry in twelfth-century germany: The works of Hartmann von Aue*, Woodbridge: D.S. Brewer, 1994.
- JEEP, John M. (ed.); *Medieval Germany: An Encyclopedia*, Londres: Routledge, 2001.
- KEEN, Maurice Hugh. *Chivalry*, New Haven: Yale UP, 1984.
- MAYER, Hans Eberhard. *The Crusades*, Oxford, OUP, 1990.
- PHILLIPS, Jonathan & HOCH, Martin (ed). *The Second Crusade – Scope and consequences*, Manchester: Manchester UP, 2001.
- PHILLIPS, Jonathan. *The Second Crusade – Extending the frontiers of Christendom*, New

Haven: Yale UP, 2007.

SAYCE, Olive. *The Medieval German Lyric 1150-1300*, Oxford: OUP, 1982.

SETTON, Kenneth (ed.). *A History of the Crusades II - The Later Crusades 1189-1311*, Madison: University of Wisconsin Press, 1969.

TYERMAN, Christopher. *God's War - A New History of the Crusades*, Londres: Penguin, 2007.

TYERMAN, Christopher. *The Invention of the Crusades*, Londres: Macmillan, 1998.

VERGER, Jacques. *Cultura, ensino e sociedade no Ocidente nos séculos XII e XIII*. Bauru: EDUSC, 2001.

WIES, Ernst. *Federico Barbarossa – Mito e realtà*, Bologna: Bompiani, 2001.

ⁱ As estimativas são conflitantes, mas embora o número contemporâneo de 100.000 homens esteja inflacionado, o exército de Frederico foi indubitavelmente um dos maiores exércitos cruzados. (MAYER, 1990: 140).

ⁱⁱ Logo em seu primeiro ano de reinado de Frederico I, este monarca promulgou o decreto de paz *De pace tenenda* (MGH *Diplomata*, X, I, 1975:197) distinguindo as consequências de quebra da paz para cavaleiros (*miles*), camponeses (*rusticus*) e mercadores (*mercator*), com os cavaleiros estando sujeitos a procedimentos legais diferentes (para desvantagem das outras categorias).

ⁱⁱⁱ Josef Fleckenstein chega mesmo a considerar que no correr do século XII eles teriam superado os vassallos livres remanescentes em uma ordem de 3 ou 4:1!